SOCIALIZAÇÃO RACIAL DE BEBÊS AMARELOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Palavras-Chave: asiáticos amarelos; raça; socialização; creche; infância

Autoras:

Clara Harumi Sakuda Tatsugawa - Faculdade de Educação (FE)

Profª. Drª. Gabriela Guarnieri de Campos Tebet – Faculdade de Educação (FE)

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa é parte de um projeto maior, coordenado pela prof.ª Gabriela Tebet e intitulado "Socialização Racial de Bebês na Educação Infantil", que visa acompanhar experiências e interações de bebês brancos, pretos, pardos, amarelos e indígenas, preferencialmente com até 12 meses e com, no máximo, 18 meses de idade no início da pesquisa. Todavia, devido à ausência de matrículas de amarelos nas creches anteriormente observadas, a primeira etapa do projeto maior (realizada em 2023) não realizou observações com bebês asiático-amarelos. Desse modo, a pesquisa de Iniciação Científica que ora se apresenta visa discutir a socialização racial de bebês amarelos na educação infantil, de modo a contribuir com o projeto maior.

O interesse pela temática desenvolveu-se a partir dos estudos de Cavalleiro (2018), que dedicou-se a analisar as relações raciais na educação infantil e os diferentes modos de tratamento dados às crianças de diferentes raças durante a primeira etapa da educação básica. A autora, no entanto, observa e analisa as relações raciais apenas entre pardos, pretos e brancos, não ampliando sua análise para amarelos e indígenas. Assim, a pesquisa pretende se debruçar majoritariamente sobre a socialização de bebês amarelos e suas relações no ambiente da creche, assunto pouco abordado e necessário para melhor entendimento das relações raciais no Brasil em toda a sua pluralidade.

Outro fator motivador para o desenvolvimento da pesquisa foi a ausência de estudos anteriores direcionados à socialização racial de amarelos brasileiros, grupo que compõe 0,4% da população total brasileira. Vale destacar que a atual classificação racial do IBGE considera que: "Amarelo se refere à pessoa que se declara de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana, etc" (IBGE, 2023, p. 36). Desse modo, amarelos no Brasil são considerados aqueles que possuem ascendência leste asiática.

Na cidade de Campinas -- local onde a pesquisa foi realizada – a população amarela compõe 1% da população total do município e, de acordo com as estatísticas recentes (IBGE, 2023; INEP, 2023), o

percentual de matrículas de amarelos na educação infantil na cidade de Campinas não se equivale ao percentual da população amarela no município. Esta equivalência – aproximada entre o percentual da população e o percentual de matrículas em creches – considera que todos os grupos raciais possuem faixas etárias equivalentes e, a partir disso, se observa a equidade apenas entre a população branca, como se demonstra nos gráficos a seguir:

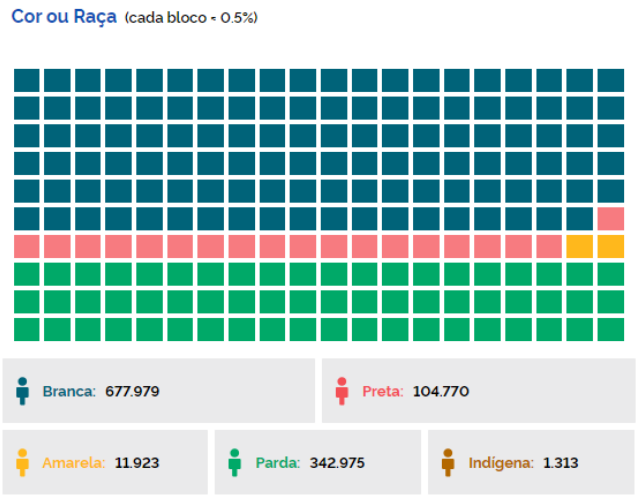

Figura 1 - Gráfico de blocos da composição racial da população de Campinas/SP. Fonte: IBGE (2023) Gráfico de blocos considerando as diferentes raças e sua porcentagem na cidade de Campinas- SP. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/

A partir da observação do gráfico de blocos referente ao ano de 2022, pode-se perceber que 59,5% da população de Campinas se considerava branca; 9,2% preta; 30,1% parda, 1% amarela e menos de 0,5% indígena, não sendo representada no gráfico. Já em relação ao universo das matrículas na Educação Infantil, o perfil racial não acompanha o mesmo percentual populacional por raça, como se observa no gráfico a seguir:

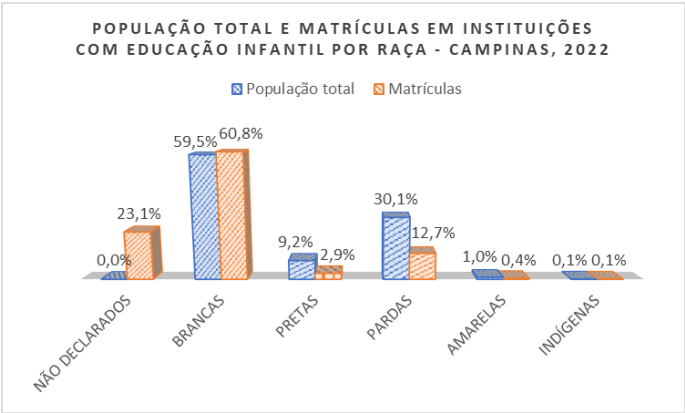

Figura 2- População de Campinas e matrículas na educação infantil por raça. Fonte: Tebet (2023) Material produzido a partir dos microdados de matrícula por raça do censo da educação básica de 2022 em instituições com matrículas em Educação Infantil e dos dados populacionais do Censo 2022 relativos à Campinas/SP.

Vale destacar que, no ano de 2023, Campinas constava com 718 instituições de educação registradas no Censo da Educação Básica. Dentre essas, 372 possuíam matrículas em creches. As instituições com matrículas de crianças amarelas somavam 170, correspondente a 45,7% do total de creches. Desse número, as que possuíam os números mais altos de matrículas de amarelos eram as privadas

(indicadas no quadro a seguir como tipo de dependência 4, na primeira coluna à direita do nome da instituição). As creches municipais são indicadas no quadro como tipo de dependência 3; destacam-se em azul, no quadro a seguir, as com maior número de matrículas de asiáticos.

				INDÍGEN	ERER	BAS	INF	CRECHE	PRÉ	FUND	N. Declar	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	0-3
NO_ENTIDADE	TP_DEPE	TP_CATE	NO_BAIF	IN_MATE	IN_MATE	QT_MAT	QT_MAT	QT_MAT	QT_MAT	QT_MAT	QT_MAT	QT_MAT	QT_MAT	QT_MAT	QT_MAT	QT_MAT	QT_MAT_I
SAO JOSE ESCOLA SALESIANA	4	4	JARDIM M	0	1	1175	106	37	69	710	174	857	34	80	29	1	33
PROGRESSO CAMPINEIRO COLEGIO	4	1	CAMBUI	0	0	1114	205	60	145	777	290	764	7	25	28	0	55
NOSSA SRA AUXILIADORA COLEGIO S/	4	4	JARDIM M	0	0	1031	134	64	70	703	67	855	14	75	20	0	52
COMUNITARIA DE CAMPINAS ESCOLA	4	1	JARDIM M	0	1	1448	241	90	151	1025	186	1206	4	33	19	0	70
PHOTON COLEGIO	4	1	PARQUE	0	0	666	133	54	79	533	183	457	7	11	8	0	45
SABIS INTERNACIONAL SCHOOL	4	1	POLO II D	0	0	332	101	45	56	231	127	192	0	5	8	0	29
RIO BRANCO COLEGIO	4	1	BARAO C	0	1	1674	243	73	170	1190	538	1048	3	15	7	3	63
CEI BEM QUERER REVERENDO DOUTOF	3		PARQUE	0	1	470	470	113	357	0	71	238	21	133	7	0	84
PEDRO E RAFAEL COLEGIO	4	1	VILA SAC	0	1	694	143	54	89	527	96	545	9	38	6	0	42
OBJETIVO COLEGIO DE CAMPINAS UNID	4	1	ARRUAM	0	0	796	51	9	42	518	181	582	8	19	6	0	6
RENOVATUS COLEGIO E E I BRANCA DE	4	1	VILA INDI	0	1	635	72	16	56	513	88	509	11	22	5	0	15
CIE CENTRO INTEGRADO DE EDUCACAC	4	1	CHACAR	0	0	486	101	46	55	331	134	340	1	5	5	1	40
JAIME KRATZ INSTITUTO EDUCACIONAL	4	1	PARQUE	0	0	1268	172	66	106	950	315	878	13	57	5	0	65
EDUARDO LANE COLEGIO PRESBITERIA	4	1	CENTRO	0	0	301	60	26	34	185	36	234	2	24	5	0	27
PROFESSOR ANISIO SPINOLA TEIXEIRA	3		JARDIM F	0	1	578	578	389	189	0	54	260	29	231	4	0	362
CEI BEM QUERER PROFESSOR DARCY I	3		CONJUN	0	1	492	492	331	161	0	23	237	43	185	4	0	330
MADRE ANASTACIA CASA DA CRIANCA	4	4	CONJUN	0	1	296	296	144	152	0	0	166	12	114	4	0	128
CRESCER COLEGIO	4	1	JARDIM M	0	1	1675	197	62	135	1216	552	996	31	92	4	0	50
PETELECO RECANTO INFANTIL	4	1	JARDIM E	0	1	67	67	38	29	0	4	55	0	4	4	0	33
CURUMIM ESCOLA EDUC INF E ENS FUN	4	1	MANSOE	0	1	406	65	15	50	341	169	224	1	8	4	0	10
LAFAYETTE A S CAMARGO PREFEITO C	3		CAMBUI	0	0	132	132	75	57	0	5	105	4	14	4	0	70
SEMEAR COLEGIO	4	1	PARQUE	0	0	349	22	5	17	327	69	223	11	41	4	1	4
COLEGIO NOSSA SENHORA DA MISERI(	4	1	MANSOE	0	0	353	143	81	62	210	19	306	8	16	4	0	74
14 BIS ESCOLA	4	1	JARDIM C	0	0	271	91	45	46	180	128	132	0	7	4	0	42
ESTILO INSTITUTO EDUCACIONAL	4	1	JARDIM A	0	0	622	107	37	70	461	156	379	9	74	4	0	32
JOSE FIDELIS CEI	3		JARDIM M	0	1	306	306	161	145	0	25	185	8	84	3	1	148
PASSO MAGICO ESCOLA INFANTIL	4	1	JARDIM E	0	1	147	147	106	41	0	7	127	3	7	3	0	99
LUCIANE RIBEIRO VILELA PROFESSORA	3		JARDIM C	1	1	405	405	92	313	0	67	195	24	116	3	0	47
BOLINHA DE MEL CEI	3		JARDIM C	0	1	173	173	38	135	0	24	101	8	37	3	0	27
RAFAEL ANDRADE DUARTE PREFEITO C	3		JARDIM E	0	0	150	150	73	77	0	15	111	4	17	3	0	86

Tabela 1- Entidades de Campinas com creche e com maiores números de amarelos matriculados. Fonte: Tebet et al (2024) Material produzido a partir dos microdados de matrícula por raça do censo da educação básica de 2023 em instituições da cidade de Campinas/SP com matrículas em creches.

Faz-se importante ressaltar, contudo, que nem todas as instituições que constam com matrículas em creches (9ª coluna da esquerda para a direita) ou com matrículas de 0 a 3 anos (18ª coluna da esquerda para a direita) efetivamente atendem bebês na idade desejada pela pesquisa. É nesse contexto que se sugere um olhar atento para os processos de socialização racial e o modo como as creches participam desse processo.

METODOLOGIA:

Partindo das perspectivas de Fulvia Rosemberg (1996, 1998) a intersecção entre raça, primeira infância e qualidade da educação infantil torna-se evidente. Rosemberg (1998), ao discutir raça e desigualdade no Brasil, aponta como um aspecto importante desse debate a qualidade da educação a que têm acesso os diferentes segmentos raciais.

Nesse processo a autora abre caminhos para nos questionarmos sobre qual é a qualidade de educação que atualmente possuímos e qual é aquela que desejamos. Para responder a essa questão há de se considerar, por exemplo, o modo como determinadas representações de raça/cor ecoam em pedagogias culturais e visuais da educação infantil (GUIZZO e FELIPE, 2011, p. 70) e a necessidade de "respeitarmos o direito de crianças e adolescentes de expressarem sua identidade étnico-racial" (ROSEMBERG, 2006, p.15), tema que aparece também nos documentos oficiais da educação infantil (Brasil, 2006, 2009) e que no caso dos bebês, merece uma atenção especial.

Em obra mais recente, Rosemberg (2012) focaliza especificamente os bebês e sua cidadania. Argumenta que os bebês constituem categoria social discriminada, apontando carências no plano do conhecimento das relações de infância e socialização racial a serem superadas. De acordo com a autora:

> se o tema da classificação, denominação, declaração, identificação de cor-raça-etnia é profusamente estudado no Brasil, muito pouco sabemos sobre o que ocorre entre as crianças de 4 a 6 anos. Nada sabemos sobre tais processos entre crianças de 0 a 3 anos (ROSEMBERG, 2012, p. 41).

A preocupação com o modo como o racismo é internalizado no âmbito dos grupos de interações cotidianas também é um aspecto dos debates sobre socialização racial. Todavia, temos observado uma prevalência de pesquisas sobre o tema que se voltam para o estudo de famílias negras com crianças com mais de 4 anos de idade (CAVALLEIRO, 2018; GONÇALVEZ, 2015; CAUGHY ET ALL, 2006) ou com adolescentes, como é o caso, por exemplo, da pesquisa desenvolvida por Matos e França (2021).

A partir dos autores e suas pesquisas, o presente trabalho de caráter qualitativo e multi-métodos dedicou-se à análise dos microdados do censo da educação básica a fim de encontrar creches de Campinas que atendessem bebês de 0 a 18 meses, priorizando aquelas que constassem com matrículas de todos os grupos raciais considerados pelo IBGE. O contato com as creches se deu por telefone, coletando dados a respeito das idades das crianças atendidas pelas escolas e informando o interesse da pesquisa. Posteriormente, após o contato e seleção inicial, a equipe do projeto dirigia-se às escolas interessadas a fim de apresentar a pesquisa e esclarecer dúvidas e questionamentos da comunidade escolar. Com o aceite das instituições, iniciava-se o trabalho em campo.

Para a pesquisa com os bebês foram desenvolvidas observações participantes, com registros inspirados nas pesquisas cartográficas (Passos, Kastrup e Escóssia, 2009) e a abordagem mosaico (Clark e Moss, 2011). As observações participantes ocorreram em quatro escolas da cidade de Campinas e foram realizadas, em média, 10 visitas a cada instituição. A rotina dos pequenos junto das professoras e demais adultos que interagiam com os bebês foi acompanhada durante o segundo semestre de 2024 e todas as visitas foram realizadas de modo participativo, compreendendo que a presença do pesquisador em campo influencia e altera o ambiente onde é realizado o estudo. Desse modo, a interação com os bebês e demais adultos da escola era constante, auxiliando na rotina escolar sempre que preciso, percebendo também o impacto da raça e presença dos pesquisadores para os participantes da pesquisa.

As observações foram realizadas por três horas e durante 10 semanas, totalizando 30 horas de observação e registros em diário de campo, além de registros em áudio e vídeo daqueles que autorizaram a realização da pesquisa. O material obtido segue em desenvolvimento e análise para posterior divulgação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Por tratar-se de um trabalho cujo foco encontra-se na socialização racial de bebês amarelos, o foco da presente pesquisa se voltou majoritariamente ao acompanhamento de Allan (nome fictício), um bebê amarelo de 1 ano, com cabelos curtos, lisos e pretos. Ao longo das observações e dos dias passados na escola, as monitoras e eu percebemos sua aproximação crescente. O bebê que antes parecia preferir ficar mais distante, passou a se comunicar comigo (também amarela) por meio de olhares, sorrisos, entrega de objetos e aproximações físicas. A proximidade foi tanta que até mesmo as monitoras destacaram a percepção e levantaram a possibilidade de uma identificação racial do bebê para comigo. Durante os meses de observação, além da maior proximidade, foi perceptível também a constante racialização do bebê, enquanto nenhum dos outros pequenos era referenciado por sua raça, Allan era sempre chamado de "japinha" e "japonês" principalmente pelos passantes.

De modo a dar continuidade à pesquisa, os dados obtidos nas observações serão discutidos em conjunto com o grupo de pesquisa INDDHU (Infâncias, Diferenças e Direitos Humanos) coordenado também pela professora Gabriela Tebet, as análises terão como principal foco as observações em torno do bebê amarelo.

BIBLIOGRAFIA

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 4ª edição. Editora Contexto, 2018.

CAUGHY, Margaret O.'Brien et al. Neighborhood matters: Racial socialization of African American children. **Child development**, v. 77, n. 5, p. 1220-1236, 2006.

CLARK, Alison; MOSS, Peter. **Listening to young children: The mosaic approach**. Jessica Kingsley Publishers, 2011.

GONÇALVES, Petronilha Beatriz et al. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 161-188, 2015.

GUIZZO, Bianca Salazar; FELIPE, Jane. Atravessamentos de raça/cor e classe social: discriminações no âmbito da educação infantil. **Políticas Educativas**– PolEd, v. 4, n. 2, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: Identificação étnico-racial da população, por sexo e idade**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

MATOS, Patrícia Modesto; FRANÇA, Dalila Xavier de. Socialização étnico-racial e racismo: dos saberes afro-brasileiros e africanos à construção da identidade étnico-racial. **Educar em Revista**, v. 37, 2021.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. . Porto Alegre: Sulinas, 2009

ROSEMBERG, Fúlvia. Raça e desigualdade educacional no Brasil. In: Aquino, J. G. (org.) **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas, v. 5, Summus Editorial. p. 73-93, 1998.

_____. Educação infantil, classe, raça e gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 96, p. 58- 65, 1996.

_____. Estatísticas educacionais e cor/raça na educação infantil e no ensino fundamental: um balanço. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 17, n. 34, p. 15-42, 2006.

_____. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais in: BENTO, Maria Aparecida Silva (org). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade:** aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades-CEERT, p. 11-46, 2012.

TEBET, Gabriela. Relatório de pesquisa. Socialização Racial de Bebês na Educação Infantil. FFCLRP. USP. 2023. Mimeo.

TEBET, Gabriela et al (2024). Dados da pesquisa. Socialização Racial de Bebês na Educação Infantil. Mimeo.